

L.A. REBELLION

SINOPSES

12 a 18 de abril de 2019

FILMES L.A. REBELLION

Abençoe Seus Pequenos Corações, de Billy Woodberry (*Bless Their Little Hearts*, EUA, 1983) | DCP | 12 anos | 80'

Reestreado em circuito nos EUA em 2017 pela distribuidora Milestone, *Abençoe Seus Pequenos Corações* é centrado em Charlie, um desempregado que arranja bicos para sustentar a família, e Andais, que precisa administrar a vida doméstica e cuidar dos filhos. Este drama, trabalho de conclusão de mestrado na UCLA, se passa no bairro de Watts, em Los Angeles, onde orchestra o choque entre dois movimentos de vida, de marido e mulher, e, na mais fina tradição da crônica social desenvolvida no contexto da *L.A. Rebellion*, atenta para a complexidade dos laços e das relações entre as pessoas – para a empatia em meio ao conflito moral –, por meio de aguda sensibilidade realista.

A Bolsa, de Billy Woodberry (*The Pocketbook*, EUA, 1980) | DCP| Livre | 13'

Ambientado no bairro de Watts, em Los Angeles, e sob fotografia de Charles Burnett, Gary Gaston e do brasileiro Mario Silva, uma epopeia infanto-juvenil cindida em dois atos: de dia, o olhar dos meninos sobre o tempo da brincadeira e os indícios de vida, enquanto um nostálgico blues de Lead Belly se repete e faz do filme uma cantiga em disparada. À noite, o garoto que brincava tenta roubar a bolsa de uma senhora, negra como ele, que observava uma vitrine na calçada. Woodberry, sagaz cronista e filiado a traços da imaginação neorrealista, é um par criativo de Charles Burnett, interessado na correspondência e na defasagem entre os movimentos do mundo e os dramas mais íntimos, secretos, entre a dor e os pequenos prazeres, entre o destino e a fuga.

Bem-vindo de volta irmão Charles, de Jamaa Fanaka (*Welcome Home Brother Charles*, EUA, 1975) | DCP | 18 anos | 92'

Um ex-presidiário decide se rebelar contra o sistema racista que o encarcerou injustamente, cometendo uma série de estupros e assassinatos em uma vingança brutal contra seus algozes brancos (com a ajuda de insólitos superpoderes). Esse enredo tão próximo do universo da *Blaxploitation* ganha um tratamento muito especial nas mãos de Jamaa Fanaka: equilibrando-se entre o humor nonsense e a crítica social radical, entre a adesão e o distanciamento frente aos códigos do gênero, o filme trabalha uma série de estereótipos raciais em múltiplas camadas de interpretação.

Um Bocado de Amigos, de Charles Burnett (*Several Friends*, EUA, 1969) | DCP | 12 anos | 22'

Prosaicas cenas cotidianas – uma briga, o conserto de um carro, a tentativa de mover uma máquina de lavar – filmadas nas imediações de South Central, bairro onde Burnett cresceu –, adquirem a força da inauguração de um mundo feito de gestos, posturas, jeitos de falar que o cinema hollywoodiano negligenciou ou pasteurizou por décadas a fio. O segundo filme estudantil de Charles Burnett, após um projeto sem título no ano anterior hoje considerado perdido, tem a magnitude de uma ruptura radical: as periferias negras norte-americanas parecem filmadas pela primeira vez.

Bush Mama, de Haile Gerima (EUA, 1979) | 16mm | 16 anos | 97'

Das obras-primas fundacionais do que se entende por *L.A. Rebellion*, o crucial Bush Mama foi o trabalho de conclusão de mestrado de Haile Gerima na UCLA, em 1975. A ficção desbrava o drama agudo de Dorothy, moradora de um inquieto quarteirão do bairro de Watts, que se vê diante de um excesso de realidade: seu companheiro está preso, enquanto ela precisa cuidar de sua filha e de uma gestação, enfrentando o protocolo míope da assistência social, a ubiquidade das normas disfuncionais e o bombardeio do juízo público em um estado de coisas em que a violência dá molde às dinâmicas coletivas. Dedicado ao ponto de vista da personagem, Gerima conduz a narrativa como uma arrojada busca de formas e de forças, como quem está seguro de que, para comunicar um desejo, é preciso inventar uma alternativa.

O Cavalo, de Charles Burnett (*The Horse*, EUA, 1973) | DCP | 12 anos | 14'

A paisagem desolada de um faroeste moderno. A imobilidade, o silêncio, o tempo que escorre lentamente enquanto um grupo de homens brancos espera na varanda de uma casa de fazenda. Um menino negro se despede de um cavalo doente prestes a ser sacrificado, enquanto os outros esperam pela chegada do pai do garoto para realizar o trabalho. Essa descrição sumária aponta para um filme em que os eventos narrativos são menos importantes do que uma atmosfera singular, composta por uma exuberante paleta de cores e por uma montagem que aposta na qualidade dos silêncios e na duração. No dizer de Burnett, o filme é “uma alegoria sobre o poder sulista e seu declínio”.

Ciclos, de Zeinabu irene Davis (*Cycles*, EUA, 1989) | 12 anos | 17'

Uma mulher aguarda a menstruação, e sua apreensão logo se aprofunda em transe. Confinada em um apartamento, elege uma faxina, depois um banho, para se distrair da espera. Se o alvoroço da dúvida reivindica um futuro – o que será amanhã?, para onde vou? são questões que martelam como mantra maior, de rima histórica –, o espírito da personagem vai se desgarrando do script social, para se reinaugurar em pequenos prazeres, prosaicas, mas fabulosas preces, signos que se derramam do tempo cotidiano em dança entre corpo, filme e história. Davis investiga o corpo feminino negro não como simples representação, calcado nos enquadramentos sociais dos corpos das mulheres negras. Em vez disso, transfigura-o em afetos que agitam a escrita fílmica e recuperam os valores de uma poética do corpo.

Dando um Rolê, de Larry Clark (*Passing Through*, EUA, 1977) | DCP | 14 anos | 105'

Realizado como filme de conclusão de mestrado na UCLA por Larry Clark – que já havia dirigido na escola o curta *Tamu* (1970) e o média-metragem *As Above, So Below* (1973) –, o filme tem como fio narrativo a história de Eddie Warmack, saxofonista de jazz que deixa a prisão após cumprir sua pena pelo assassinato de um gângster branco. Enquanto tenta convencer seus colegas músicos a escapar da máfia da indústria fonográfica que lucra com a exploração do suor e o talento

dos artistas negros, Eddie parte em uma busca por seu avô, o lendário mestre jazzista Poppa Harris. Para Clyde Taylor (historiador responsável por cunhar o termo *L.A. Rebellion*), trata-se do “mais ambicioso esforço de construir um filme em torno dos ritmos e dos movimentos da tradição jazzista”.

**Diário de uma Freira Africana, de Julie Dash (*Diary of an african nun*, EUA, 1977)
|12 anos | 15'**

Julie Dash adapta uma história da escritora Alice Walker, pondo em cena o fluxo de consciência de uma freira negra vivendo em Uganda. Em uma visada lírica da feminilidade negra que remete ao cânone experimental, ao do filme-ensaio e ao estudo do rosto no cinema, este compêndio de confissões amarra e desamarra os vértices de um triângulo entre a prece católica, as origens africanas da espiritualização e a autonomia do corpo. Julie Dash tem em seu currículo filmes de época que observam personagens em êxodo, como o seu paradigmático longa *Filhas do Pó* (*Daughters of the Dust*, 1991), e com esse retorno sistemático a capítulos da diáspora, parece levar a cabo o projeto de especular documentos e mitos para desenhar as pontas soltas de uma genealogia outra para a existência da mulher negra em contexto colonial.

Filha da Resistência, de Haile Gerima (*Child of resistance*, EUA, 1972) | 16mm | 14 anos | 35'

Era outubro de 1970 quando Angela Davis foi presa em Nova York, identificada como cúmplice no caso dos irmãos de Soledad, três presidiários negros acusados de assassinar um policial branco. Após ver imagens da autora e ativista algemada, o então estudante de cinema Haile Gerima teve um sonho, que materializou em *Filha da Resistência*. São 35 minutos de loucura de uma presidiária que se percebe obsediada por uma profusão de símbolos da violência sofrida por pessoas negras na América. Confinada na cela, resta à prisioneira ritualizar a ruína da libertação – e a desesperança individual se descobre no movimento da coletividade.

Ilusões, de Julie Dash (*Ilusions*, EUA, 1982) | DCP | Livre | 36'

Durante a Segunda Guerra, o encontro entre Mignon Duprée, uma assistente de produção em Hollywood, e Esther Jeeter, cantora negra contratada para dublar atrizes brancas em cenas musicais, torna-se um ensaio com sabores satíricos sobre a indústria cultural, no que se revela um raro debate fílmico sobre colorismo. Este trabalho de conclusão de mestrado de Julie Dash – só restaurado em 2014 –, é um caso muito incomum de filme no conjunto da *L.A. Rebellion*, em que a maioria dos atores é de brancos (uma série de trabalhos não têm sequer um corpo branco em cena), ao mesmo tempo que é também um exemplar raro de narrativa filiada às formas mais clássicas do cinema estadunidense. Há aqui uma espécie de infiltração necessária nas estratégias do olhar hegemônico, vistas por uma diretora negra que resolveu filmar segundo a gramática do establishment branco macho para perturbá-lo por dentro.

Uma Imagem Diferente, de Alile Sharon Larkin (*A Different Image*, EUA, 1982) | 16mm | 16 anos | 52'

Alana é uma jovem que trabalha em um escritório enquanto desenvolve estudos de pintura. Seu cotidiano é marcado pelo esforço em se tornar uma mulher independente e se rebelar contra as convenções impostas por uma sociedade machista e racista. Seu colega de escritório e amigo, Vincent, parece o parceiro ideal nessa busca por construir autonomamente uma outra imagem de negritude. A amizade entre os dois parece contrariar os estereótipos e subverter as expectativas de todos ao redor, mas esta relação talvez não possa dissolver as diferenças tão pregnantes e termine por restaurar tensões de gênero. O que Alana deve fazer para ser vista?

Mulher Africana, EUA; de Omah Diegu (Ijeoma Iloputaife) (*African Woman, USA*; EUA, 1980) | 16 anos | 20'

Uma imigrante nigeriana estuda dança em uma universidade nos Estados Unidos, enquanto luta para conseguir um emprego e sustentar a filha, que passa os dias sozinha em casa. Seu cotidiano é atravessado por episódios de sexismo e racismo, até o ponto em que um homem se passa por produtor para se aproximar

da menina e abusar sexualmente dela. *Mulher Africana, EUA* tem fortes elementos autobiográficos, refletindo os conflitos vivenciados pela própria Omah Diegu (Ijeoma Lloputaife), estudante nigeriana que chegara à UCLA para estudar cinema no fim dos anos 1970.

Seus Filhos Voltam para Você, de Alile Sharon Larkin (*Your children come back to you*, EUA, 1979) | 16mm | Livre | 27'

O processo de construção da identidade de mulheres negras é o mote principal da composição das protagonistas na obra de Alile Sharon Larkin realizada na UCLA. Neste filme, a diretora explora esse tema a partir da perspectiva de uma criança: a menina Tovi vive com a mãe, que luta para criá-la sozinha enquanto o pai partiu para a África para se juntar à guerrilha anticolonial. Enquanto a mãe se divide entre o trabalho doméstico e as idas ao escritório da assistência social, Tovi passa parte do tempo com uma tia rica, irmã de seu pai, que tenta conseguir por diversos meios a guarda da menina. Um dos traços mais marcantes de *Seus Filhos Voltam Pra Você* é o esforço da câmera por enxergar através dos olhos de Tovi, cuja descoberta do mundo – de suas desigualdades e injustiças – coincide com a formação de sua consciência política, atravessada pela memória do pai e pelos ensinamentos de sua escola afrocêntrica.

DIÁLOGOS L.A. REBELLION

Nos Limites dos Portões, de Oscar Micheaux (*Within Our Gates*, EUA, 1919) | 16 anos | 78'

Abandonada pelo noivo, Sylvia Landry, jovem negra e bem-educada, ajuda a levantar fundos para uma escola para crianças negras pobres no Sul, onde se esconde um terrível acontecimento de seu passado. Mais antigo longa-metragem dirigido por um cineasta afro-americano existente hoje, *Nos Limites dos Portões* foi concebido como uma resposta à monumental empreitada racista de *O Nascimento de uma Nação* (D.W. Griffith, 1915). Oscar Micheaux é o principal nome entre os diretores dos chamados *race films*, um conjunto de filmes

independentes produzidos por realizadores negros e voltados para audiências negras que floresceu nos Estados Unidos entre as décadas de 1910 e 1940.

Corra!, de Jordan Peele (*Get Out*, EUA, 2017) | 14 anos | 104'

Um jovem fotógrafo negro descobre um segredo sombrio quando conhece os pais aparentemente amigáveis da sua namorada branca. Em uma mistura vertiginosa de humor ácido, comentário social e horror físico, Jordan Peele constrói uma das mais instigantes radiografias das relações raciais na sociedade americana contemporânea. Sucesso estrondoso de bilheteria (foi considerado o filme mais lucrativo do ano de 2017), *Corra!* faz parte de um novo cenário – ainda em construção – para realizadores negros na indústria estadunidense.

Dirty Gertie do Harlem, de Spencer Williams (*Dirty Gertie from Harlem USA*, EUA, 1946) | 12 anos | 65'

A independente e sedutora dançarina do Harlem Gertie La Rue se apresenta com sua trupe e atrai todas as atenções em uma sonolenta ilha do Caribe, enquanto foge de um ex-companheiro violento e é perseguida por um pastor que tenta lhe salvar a alma à força. A autonomia e a altivez da protagonista encontram ressonância na desenvoltura da direção de Spencer Williams, outro grande nome da produção independente negra conhecida como *race films*.

Corpo e Alma, de Oscar Micheaux (*Body and Soul*, EUA, 1925) | 12 anos | 86'

Um fugitivo da prisão busca guarida em uma pequena comunidade, onde se passa por pastor da igreja local. O falso líder religioso abusa da fé de seus fiéis, sobretudo da irmã Martha Jane, cuja filha ela sonha ver casada com o pastor. Ele, porém, estupra a jovem inocente e a força a roubar as economias da mãe, que descobre o verdadeiro caráter do religioso após a morte da garota. Esse seria um resumo acurado da obra-prima de Oscar Micheaux, não fossem as múltiplas idas e vindas entre realidade e sonho, entre passado e presente, entre vivência e rememoração que perfuram a linearidade, suspendem os protocolos de verdade do filme e o transformam em um fluxo de ressonâncias visuais e falsas pistas narrativas.

Marselha Depois da Guerra, de Billy Woodberry (*Marseille Après La Guerre*, EUA-PORT, 2015) | Livro | 11'

Nome importante da L.A. Rebellion, nos últimos anos Billy Woodberry derivou ao ensaio e ao documentário, sensível a arquivos que recuperam histórias das populações africanas e suas diásporas, e ramificando questões já presentes em sua filmografia inicial, como o valor e a forma do trabalho (ver *A Bolsa e Abenço Seus Pequenos Corações*). Com a descoberta de fotografias de trabalhadores nas docas de Marselha entre 1940 e 1950, o diretor as encadeia mediante citações ao escritor e cineasta senegalês Ousmane Sembène – cujo primeiro romance, "Le Docker Noir" ("O Estivador Negro", 1956), reflete sua experiência como estivador, metalúrgico e sindicalista na França.

Prova de Uma Prova, de Alexander Johnston (*Evidence of the Evidence*, EUA, 2018) | 14 anos | 22'

A rebelião ocorrida em 1971 no presídio de Attica, em Nova York, é reconhecida não só como um episódio marcante de insurgência na história do país como caso em que a violência policial teve demonstração particularmente devastadora, deixando 39 mortos. Revirando impressionantes registros feitos pela própria polícia, para fins de vigilância e controle, Prova de uma Prova pergunta ao espectador: não estaria aqui, a contrapelo, a prova da brutalidade, marcadamente racista, da própria instituição policial? Exibido em competição na 19ª edição do FestCurtasBH.

Juke - Passagens dos Filmes de Spencer Williams, de Thom Andersen (*Juke - Passages from the Films of Spencer Williams*, EUA, 2015) | 12 anos | 30'

O diretor Thom Andersen, ensaísta atento do cinema estadunidense, remonta cenas de filmes de Spencer Williams, dirigidos durante a década de 1940 e reconhecidos como exemplares fundamentais de *race films*. Num trabalho de desconstrução narrativa que devolve as imagens em movimento à potência da fotografia, Andersen está interessado tanto na importância documental quanto na beleza daquelas imagens, demonstrando contrastes espirituais e afetivos nos

diferentes espaços de socialização retratados, entre o público e o privado, o sagrado e o profano, a igreja e a dança, o gospel e o blues.

Três Canções Sobre Libertação, de Cauleen Smith (*Three Songs About Liberation*, EUA, 2017) | 12 anos | 10'

Em diferentes locações nos EUA, três mulheres declamam trechos do livro "Black Women in White America" ("Mulheres Negras na América Branca", 1972), em que Gerda Lerner documenta relatos de mulheres negras durante o período da escravidão no país. Cauleen Smith realiza filmes diversos cujo objeto recorrente são as identidades afroamericanas e, o método, a reinterpretação de arquivos – que, aqui, encontram força fílmica através da mediação da presença, da performance, do retrato e da voz.

Material de Trabalho de Campo, de Zora Neale Hurston (*Fieldwork Footage*, EUA, 1928) | Livre | 7'

Sete minutos que sobreviveram das filmagens realizadas pela antropóloga Zora Neale Hurston em várias localidades do sul dos Estados Unidos em 1928, consideradas as mais antigas imagens feitas por uma mulher negra existentes hoje. Única estudante negra entre os alunos do famoso antropólogo Franz Boas na Columbia University, Hurston viajou sozinha pelo sul segregacionista, carregando uma câmera 16mm, uma pistola para proteção e dormindo no carro quando não havia hospedagens disponíveis para pessoas "de cor". Mais do que o óbvio interesse histórico, o filme impressiona pelo olhar confiante de sua autora, pela relação íntima com os sujeitos filmados que transparece na tela, pelo frescor e a espontaneidade do registro – que talvez tenham muito mais a ver com o cinema de vanguarda do que com o filme etnográfico.

Ganja & Hess, de Bill Gunn (EUA, 1973) | 16 anos | 110'

Filme de terror experimental, blaxploitation turvo e errante, etnografia surrealista, história delirante de vampiro. Duane Jones, protagonista de *A Noite dos Mortos Vivos*, interpreta aqui Dr. Hess Green, um antropólogo que pesquisa os Myrthians, antiga sociedade africana de bebedores de sangue. Em sua mansão

luxuosa, que ostenta arte africana por todos os lados, decorre um triângulo amoroso entre ele, seu assistente George Meda – encarnado pelo próprio realizador – e a mulher Ganja Meda (Marlene Clark), tendo entre os três um mistério sanguinolento. Segundo filme de Bill Gunn, diretor que Spike Lee já disse ser um dos mais subestimados de sua geração – o anterior, o inacessível *Stop*, foi engavetado pela Warner dado o conteúdo erótico, e homoerótico. Não é demais dizer que este delicioso exercício de gênero, de olhar com inclinações *queer*, carrega um talento analítico e especulativo.

Fontes de Inspiração, de Souleymane Cissé (*Sources d'Inspiration*, Mali, 1968) | 12 anos | 7'

Com uma obra em grande parte dedicada a retratar a vida no Mali – das relações domésticas às formas de consumo à dinâmica das instituições –, Souleymane Cissé faz aqui retrato do artista plástico maliano Mamadou Somé Coulibaly, também ele inspirado na vida do povo do país para produzir suas pinturas, e pioneiro moderno de uma sensibilidade histórica e política traduzida pelo pincel.

O Trabalho, de Souleymane Cissé (*Baara*, Mali, 1978) | 12 anos | 90'

Jovem camponês de Mali trabalha como "baara", carregador de bagagens em Bamaco, até conseguir um emprego numa fábrica através de engenheiro de quem se torna amigo. Partindo do retrato desta relação, Souleymane Cissé mira a vida fabril, a articulação sindical, as opressões de gênero em espaços públicos e domésticos, as relações de poder e as diferenças de classe, a atuação da polícia. Neste ambiente de amplo machismo – que descamba em formas de violência –, mas onde convivem distintas figuras de homem, parece haver aqui o interesse em observar noções de masculinidade na negociação da vida social, como anuncia a bela sequência inicial. Prêmio de melhor fotografia no festival de Locarno de 1978.

Os Donos da Rua, de John Singleton (*Boyz n the Hood*, EUA, 1991) | 14 anos | 112'

Ronald Reagan está estampado nos muros da cidade. É 1984, e ainda criança, o esperto e rebelde Tre Styles (Cuba Gooding Jr.) tem a guarda entregue ao pai, e

na nova vizinhança faz amizade com Ricky Baker (Morris Chestnut) e Doughboy (Ice Cube). Sete anos se passam neste drama sobre a juventude impregnado por um retrato social do sul de Los Angeles, de população majoritariamente negra e marcado pela violência urbana como ambiente de socialização. Exemplar fundamental entre os *hood movies*, filmes de grandes estúdios e de diretores negros que formaram gerações de afroamericanos nos anos 1990, *Os Donos da Rua* fez de John Singleton o diretor mais jovem a ser indicado ao Oscar nesta categoria.

Conspiração Policial, de Charles Burnett (*The Glass Shield*, EUA, 1994) | 12 anos | 109'

J.J. é o primeiro policial negro em seu pelotão. Enquanto se adapta à rotina do ofício e à camaradagem masculina, faz vista grossa para o processo corrupto que encarcerou Teddy Woods, um rapaz negro, por um assassinato que ele não cometeu. À medida que a tensão racial aumenta, J.J. toma consciência da corrupção que impera em seu ambiente de trabalho e, com a ajuda de Deborah – a única mulher do pelotão –, inicia uma investigação para revelar as práticas nefastas da polícia estadunidense. Esse peculiar filme tardio do pioneiro da *L.A. Rebellion* evidencia uma continuidade inesperada do cinema de Burnett, criando um jogo de espelhamentos e ressonâncias que traslada a investigação sobre o racismo para o centro de uma incursão em um dos gêneros mais cristalizados do cinema hollywoodiano.

Pouco Mais de Um Mês, de André Novais Oliveira (BRA, 2013) | 12 anos | 24'

André e Élide são um casal, na vida real e na ficção. André é também diretor deste premiado filme e, nesta narrativa intimista, pouco mais de um mês de relacionamento transcrevem a dimensão do mundo corriqueiro, numa vizinhança de Contagem, e a imensidão de cada gesto – o levantar de um copo, um momento de silêncio, um corte – que faz de um filme um mundo próprio à visão do artista.

Veredito: Inocente, de Eloyce Gist, James Gist (*Verdict: Not Guilty*, EUA, 1933) | 12 anos | 12 anos | 8'

Uma mulher, morta no parto, é julgada por seus pecados antes de entrar no paraíso, nesta recriação impressionante e heterodoxa das iconografias cristãs, já identificada com a noção de "surrealismo evangélico". O casal James e Eloyce Gist, pioneira entre diretoras negras nos EUA, fazia filmes como fruto de uma missão evangelista, e acredita-se que escreveram, produziram e dirigiram este trabalho juntos. Embora a maior parte de seus filmes fossem exibidos como peças educativas em igrejas, este em particular fazia uma crítica ao sistema judicial estadunidense e foi exibido também pela Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor. Eloyce, diferentemente do marido, evangélico, seguia a fé bahá'í.

Trem Para o Inferno, de Eloyce Gist, James Gist (*Hellbound Train*, EUA, 1930) | 12 anos | 51'

O diabo, com seus habituais chifres, dirige uma locomotiva em direção ao inferno. Este filme de ostensivo discurso moralista dedica-se a expor ao público quem são e como se comportam os ocupantes de cada vagão: assassinos, ladrões, contrabandistas, mas também libertinos, depravados, bêbados, mesmo crianças malcriadas e até, num revelador gesto reacionário, pessoas simpáticas ao jazz e ao blues. Deslumbrante documento de fecunda imaginação ou amostra de usos instrumentais que o cinema tinha junto a comunidades afroamericanas, este filme, rodado em 16mm com baixo orçamento, foi reescrito e reeditado pela pioneira Eloyce Gist após seu marido James terminá-lo. Acredita-se ainda que ela pode ter atuado na refilmagem de algumas cenas.

Ganhando Espaço, de Leslie Harris (*Just Another Girl on the I.R.T.*, EUA, 1993) | 16 anos | 92'

Moradora de uma região periférica do Brooklyn, Chantel é uma adolescente estudiosa e independente, que sonha em ser médica e não repetir a trajetória de seus pais. Até que, num descuido, se descobre grávida e tem que lidar com a nova realidade. Com um olhar ao mesmo tempo realista e cheio de imaginação cinematográfica, Leslie Harris se contamina com a vivacidade da protagonista e compõe um filme cheio de entusiasmo e graça, quebras da quarta parede e

coreografias exuberantes, figurinos inesquecíveis e muito rap feminino. Vencedor do prêmio especial do júri no festival de Sundance em 1993, o filme se tornou um clássico instantâneo à época – tornando-se o primeiro filme realizado por uma mulher negra a obter uma distribuição maciça dentro e fora dos EUA –, mas sua diretora até hoje não conseguiu realizar um segundo longa-metragem.

Coisa Boa - Beijo Negro, de William Nicholas Selig (*Something Good - Negro Kiss*, EUA, 1898) | Livre | 1'

Um homem e uma mulher se beijam. Beijam-se de novo e de novo. Risos. Acredita-se que esta preciosidade de 1898, rodada em Chicago, é a primeira imagem em movimento de um beijo entre casal afroamericano, a despeito de todos os estereótipos vigentes de então. Rodado pelo pioneiro Selig, possivelmente numa compilação com outras cenas para exibição pública, o material foi redescoberto em Louisiana e, no ano passado, identificado na Universidade de Chicago.

Sem Chão, de Kathleen Collins (*Losing Ground*, EUA, 1982) | 86'

Na mesma época em que a produção negra fervia no contexto universitário de Los Angeles, a costa leste dos EUA também vivenciava algumas iniciativas isoladas. É nesse contexto que a professora e cineasta Kathleen Collins encena uma crise amorosa entre uma professora de filosofia e um artista plástico. Além do inusual retrato de um casal de intelectuais negros, a exuberância imaginativa de *Sem Chão* abarca a crônica de casal e o ensaio sobre a estética negra, o tratado meta-cinematográfico e o filme-performance. Contando com as atuações de Bill Gunn (ator e diretor do mítico *Ganja & Hess*) e do veterano Duane Jones (que vivera o protagonista de *A Noite dos Mortos Vivos* de George Romero), o primeiro longa-metragem de ficção dirigido por uma mulher afro-americana desde os anos 1920 permaneceu praticamente invisível por três décadas, até que foi redescoberto e restaurado em 2015.

Mais e Melhores Blues, de Spike Lee (*Mo' Better Blues*, EUA, 1990) | 14 anos | 129'

A vida do trompetista ficcional Bleek Gilliam (Denzel Washington). Com seus parceiros – um deles, encarnado pelo próprio diretor –, Bleek forma o The Bleek Gilliam Quartet, que sob os holofotes enfrenta crises em torno de valores como honestidade e lealdade no interior da indústria musical, tendo no centro a rivalidade entre o protagonista e o parceiro Shadow (Wesley Snipes). O filme é também uma imersão audiovisual no universo do jazz, com trilha original do Branford Marsalis Quartet e de Terence Blanchard. A obra envolveu Spike Lee em controvérsias públicas envolvendo a representação de empresários judeus, acusada de perpetuar estereótipos. Em resposta, chegou a dizer que visões estigmatizadas de personagens negros pelo cinema estadunidense, já naturalizadas, não eram julgadas com o mesmo rigor.

Jammin' The Blues, de Gjon Mili (EUA, 1944) | 10'

Filmada com a virtuosa imaginação visual de um musical da Era de Ouro, esta preciosa jam session para cinema eterniza o encontro entre uma geração de músicos, que inclui o antológico saxofonista Lester Young, ao lado de Red Callender, Harry Edison, Marlowe Morris, Sidney Catlett, Barney Kessel, Joe Jones, John Simmons, Illinois Jacquet, Marie Bryant e Archie Savage. Para alguns deles, tratou-se de rara aparição cinematográfica, sob a direção do fotógrafo albanês-americano Gjon Mili, conhecido pelo trabalho na revista Life, em um dos poucos filmes que dirigiu, todos dedicados ao jazz e ao blues. Embora não tenha operado a câmera, Mili emprestou à obra técnica com lentes estroboscópicas que se tornou marca pessoal. Promovido pelo selo Verve Records e produzido pela Warner Bros., *Jammin' the Blues* foi sucesso em salas de cinema e é um imenso espetáculo de dez minutos.

O Lamento do Jazz, de Ed Bland (*The Cry of Jazz*, EUA, 1959) | 34'

O compositor e cineasta Ed Bland encena uma conversa entre músicos e intelectuais brancos e negros em um clube de jazz. À medida que a discussão avança e a tensão racial interior ao grupo se revela, as afinidades estéticas entre o jazz e a experiência histórica afro-americana são afirmadas pelos personagens negros e traduzidas pela montagem, constantemente atravessada por imagens

de arquivo e performances de grandes jazzistas como Sun Ra, John Gilmore e Julian Priester. Realizado ao longo de vários anos durante a década de 1950, *O Lamento do Jazz* é um dos exemplos mais belos da produção independente afro-americana, cujas iniciativas – mais ou menos isoladas, mais ou menos coletivas – atravessaram todo o século XX.

Quando Chove, de Charles Burnett (*When it Rains*, EUA, 1995) | 12 anos | 13'

É dia de ano novo e um homem (Ayuko Babu) tenta ajudar uma mulher a pagar o aluguel – antes que seja despejada com sua filha –, pedindo ajuda às pessoas da vizinhança para levantar fundos. É um princípio simples que, sob a direção de Charles Burnett, nome central da *L.A. Rebellion*, nos põe diante de uma visão alegre e melancólica de comunidade e de solidariedade, tão realista quanto poética: as pessoas são de carne e osso, as ruas e fachadas são de verdade e os problemas da vida também, mas o jazz e o blues, por todos os lados – ora em apresentações nas calçadas, ora na trilha sonora – parecem poder traduzir o espírito, e vice-versa. O narrador nos indica: toda música surge da mesma dor.

Imitação da Vida, de John M. Stahl (*Imitation of life*, EUA, 1934) | 14 anos | 111'

Bea Pullman e sua filha Jessie, brancas, vivem um período difícil após a morte do marido de Bea. A ajuda chega na forma da mulher negra Delilah Johnson, que concorda em trabalhar como empregada da casa em troca de um quarto para ela e sua filha Peola. Ao explorar comercialmente a receita de panquecas de Delilah, Bea se torna uma empresária de sucesso. Em meio a essa relação em que afeto e poder se atravessam o tempo inteiro, a dinâmica racial se torna ainda mais complexa quando Peola, com vergonha de sua mãe de pele escura, busca uma nova vida se passando por branca. O filme de John M. Stahl é a primeira adaptação para o cinema do famoso romance homônimo de Fannie Hurst, uma escritora branca ligada ao movimento artístico negro conhecido como Harlem Renaissance. Estudos indicam que o livro foi baseado nas viagens de Hurst pelo sul dos Estados Unidos ao lado de Zora Neale Hurston, escritora e antropóloga negra que se tornaria pioneira do cinema documentário.

O Símbolo dos Resistentes: Uma História da Ku Klux Klan, de Oscar Micheaux
(*The Symbol of the Unconquered: A Story of the Ku Klux Klan*, EUA, 1929) | 12 anos
| 54'

Eva Mason, uma mulher negra de pele clara, herda uma propriedade rural após a morte de seu avô, um antigo garimpeiro, e parte em busca do terreno. Ao chegar, ela conhece seu vizinho, o jovem garimpeiro Hugh Van Allen, um homem negro de pele escura que lhe ajuda a encontrar o terreno. Enquanto a relação de amizade entre os dois se desenvolve – e só não se torna um amor porque Hugh não percebe que Eva é negra como ele –, um grupo de vigaristas da região (incluindo um negro que tenta se passar por branco) descobre campos de petróleo nas terras de Hugh, e passam a ameaçá-lo caso ele se recusa a vendê-la. Em meio a essa intrincada dinâmica racial analisada com argúcia por Oscar Micheaux, a verdadeira face da Ku Klux Klan se revela.

Infiltrado na Klan, de Spike Lee (*BlacKkKlansman*, EUA, 2018) | 14 anos | 136'

História adaptada do autobiográfico "Black Klansman", de Ron Stallworth, Infiltrado na Klan acompanha a saga quase inacreditável dos policiais Stallworth (John David Washington), negro, e Philip "Flip" Zimmerman (Adam Driver), branco judeu, na tentativa de se infiltrar na Ku Klux Klan do Colorado. Os parceiros detetives se passam pela mesma pessoa – Stallworth, hábil orador, por telefone, e Zimmerman, pessoalmente, sob as orientações intelectuais do colega –, o que rende cenas afiadas que atualizam, com pertinência e sagaz atualidade, uma visão crítica e não menos divertida da supremacia branca, das dinâmicas do racismo institucional e de um relato de resistência por vias extraordinárias.